



revistafidelidade@terra.com.br • ano VI • Abril/2008 • nº 67 • R\$ 5,00

Revista

# Fidelidade **ESPÍRITA**

## Pais e Filhos à luz da Reencarnação

A  
Revista que  
se **Responsabiliza**  
**Doutrinariamente**  
pelos Textos Publicados

# Sumário



## 4 CHICO

ADVERSÁRIOS - AMIGOS ESTIMULANTES  
Chico preocupa-se com as notícias  
recebidas de um amigo

## 6 REFLEXÃO

O EPISÓDIO DA TENTACÃO  
Entendendo as alegorias

## 8 ESTUDO

A SUTIL SABEDORIA DAS LEIS DIVINAS  
Reencarnação

## 11 MENSAGEM

ELE ATENDERÁ  
Belas palavras

## 12 MEDIUNIDADE

DIRETRIZES DE SEGURANÇA  
Questões sobre mediunidade

## 18 ENSINAMENTO

A ORIGEM DO CRISTIANISMO  
A vinda de Jesus à Terra

---

## 14 CAPA

PAIS E FILHOS À LUZ DA  
REENCARNAÇÃO

---

### PRÓXIMA EDIÇÃO

A INSUPERÁVEL ESTRUTURA  
DA NATUREZA



## 20 HISTÓRIA

DISCURSO PRONUNCIADO JUNTO AO  
TÚMULO DE ALLAN KARDEC  
Memórias Póstumas

## 27 COM TODAS AS LETRAS

POR QUE SE ESCREVE OS SEM-TERRA  
Importantes dicas da nossa língua portuguesa

# EDITORIAL

**A** epopéia humana está repleta de personagens que contribuíram de forma decisiva para o progresso intelectual e moral da sociedade.

Cientistas notáveis abriram caminho para descobertas importantes;

Filósofos de grande expressão assinalaram a marcha humana com o brilho de sua inteligência;

Artistas inesquecíveis brilharam em sua genialidade;

Líderes de todos os matizes religiosos interpretaram as Leis Divinas.

Sem dúvida, é inquestionável a obra desses luminares, cada qual em sua área de atuação.

Todavia, à exceção do Cristo, nenhum deles transitou pelo mundo sem errar ou equivocar-se. Na condição de seres humanos, apresentaram, também, o seu lado fraco, por meio do qual a sombra, muitas vezes, conseguiu interpor-se à luz.

Se foi assim com eles, por que não seria com os médiuns?

De fato, uma vez despertados pela Doutrina Espírita, esforçamo-nos em realizar o melhor possível.

Iluminamos a mente com novos conhecimentos;

Educamos a força mediúmica;

Sublimamos os impulsos mais grosseiros;

E, por vezes, conseguimos oferecer algo que realmente beneficie nossos semelhantes.

Ainda assim, contudo, não estaremos imunes ao erro involuntário. Apesar do progresso realizado, todos carregamos, por dentro, o lado fraco que nos predispõe à sombra, ainda que busquemos a luz.

Nesse, é inclinação à maledicência;

Naquele, a vaidade;

Em outros, o orgulho.

Mal nos conhecemos por dentro. Estamos apenas no início da caminhada iluminativa, muitas vezes tateantes e inseguros, qual a criança no esforço dos primeiros passos.

Por essa razão, num instante de invigilância, é possível te surpreendas trilhando atalhos incertos, expondo-te a influências arriscadas, por ignorares o lado fraco que te fragiliza internamente.

Nestas circunstâncias, não desanimes nem te precipites.

Ajuda a ti mesmo retomando a rota do equilíbrio.

Em mediunidade, como em tudo na vida, quem pretende servir com proveito sabe transformar o erro em lição para seguir adiante.

Lamentar é inútil.

Desanimar é arriscado.

Só a ação consciente e espontânea te permitirá a reconciliação com a própria consciência, ensejando-te novas realizações no campo do bem.

Como espíritos imperfeitos, todos carregamos fragilidades internas, que muitas vezes ignoramos.

Como filhos de Deus, porém, também trazemos infinitas possibilidades de progresso que, identificadas pelo autoconhecimento e vitalizadas pela vontade, nos impulsionam sempre para frente, a fim de nos encontrarmos com a plenitude imperecível em nosso mundo interior.

Augusto

LEVY, Clayton. Mediunidade e Autoconhecimento. Págs.

91 - 93. CEAK. 2003

## Edição

Centro de Estudos Espíritas  
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

## Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

## Projeto Gráfico

Fernanda Berquó Spina

## Revisão

Zilda Nascimento

## Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

## Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

## Impressão

Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar" responsabiliza-se doutrinariamente pelos artigos publicados nesta revista.

## FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br  
(19) 3233-5596

## ASSINATURAS

Assinatura anual: R\$45,00  
(Exterior: US\$50,00)

## FALE CONOSCO ON-LINE

CADASTRE-SE NO MSN  
E ADICIONE O NOSSO ENDEREÇO:

atendimentorevistafidelidade@hotmail.com



Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP  
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

# Adversários - amigos estimulantes

por Suely Caldas Schubert



1º - 11 - 1947

“(...) Restituo-te a carta do nosso amigo que também me causou funda impressão. Jesus o ampare, fortalecendo-lhe as energias, nestas horas difíceis de luta, mesmo porque estes choques devem determinar dolorosas quedas do equilíbrio físico. Aguardo notícias dele.

Bem conheço a minha desvalia, mas conversarei com o nosso querido companheiro da Tijuca, na primeira carta a trocarmos em breves dias, sobre a importância do Esperanto. Tratarei do caso com discrição e o amor que o assunto requer de todos nós.”

Chico preocupa-se com as notícias recebidas de um amigo.

Dando continuidade à questão mencionada na carta anterior, sobre o Esperanto, promete a Wantuil tratar do caso, através de correspondência. Ambos têm esperanças de que o caso se resolva.

“Quanto aos nossos amigos

estimulantes, faze o possível para que não se separem de tua obra elevada e digna. O melhor modo de utilizarmos o adversário, ainda mesmo quando seja mau declaradamente, é conservá-lo junto de nós, a fim de que o convençamos da sinceridade de nossos propósitos e de nossa amizade, na luta do “dia-dia”. Enquanto permanece ao nosso lado, com o nosso espírito de fraternidade, temos somente um inimigo, muitas vezes benéfico; mas, se o alijamos, sem a precisa renovação, temos uma guerra de longa e indefinível duração, no espaço e no tempo.”

Interessante a referência de Chico denominando de amigos estimulantes àqueles que são contrários à obra do bem.

É comovente, em todos os sentidos, o modo como Chico Xavier encara a presença de um adversário. As suas palavras são a pura essência do Evangelho. Eis que Jesus nos diz: “Se não amardes



senão aqueles que vos amam, que recompensa tereis, uma vez que as pessoas de má vida amam também aqueles que as amam? E se vós não fazeis o bem senão àqueles que vòlo fazem, que recompensa tereis, uma vez que as pessoas de má vida fazem a mesma coisa? E se vós não emprestais senão àqueles de quem esperais receber o mesmo favor, que recompensa tereis, uma vez que as pessoas de má vida se emprestam mutuamente para receber a mesma vantagem? Mas, por vós, amai os vossos inimigos, fazei o bem a todos, e emprestai sem disso nada esperar e então a vossa recompensa será muito grande, e sereis os filhos do Altíssimo, que é bom para os ingratos e mesmo para os maus. Sede, pois, cheios de misericórdia, como vosso Deus é cheio de misericórdia.” (Lucas 6:32 a 36.)

Quando Chico Xavier prefere ao seu lado aquele que considera adversário, aquele que trabalha contra a própria tarefa que ambos realizam, e, com base em sua vivência, aconselha a Wantuil de Freitas que também faça o mesmo, vemos o Evangelho redivivo a se derramar então como força criadora e pulsante para quantos por ele se orientam.

Em certeza restaura a nossa fé no ser humano. Redime a nossa esperança de que a palavra do Cristo não seja hoje letra morta, esquecida ou apagada pala pátina do tempo. Não. O evangelho está vivo e em toda a sua pureza, porque os Espíritos do Senhor, quais “vir-

tudes dos céus”, o desencravaram da ganga bruta das imperfeições humanas que durante séculos velaram a Luz.

Amar o inimigo, buscar conquistá-lo através do dia-a-dia, num exercício constante de tolerância, paciência e bondade, nos dá a certeza confortadora de que os ensinamentos de Jesus estão revivescientes nesta nossa época tão plena de materialismo, tão esquecida de amor e da dignidade, e que torna descrentes e apartados do Mestre Divino tantas criaturas. Diz-se até que Jesus não se preocupa mais com os problemas dos homens e

***Nós é que nos afastamos da Luz e, incoerentemente, nos queixamos da sua ausência e da falta que ela nos faz.***

que Deus, o Pai Celestial, ignora as questiúnculas humanas, por demais insignificantes e mesquinhas ante a Sua grandeza.

Estranha visão a nossa: Nós é que nos afastamos da Luz e, incoe-

rentemente, nos queixamos da sua ausência e da falta que ela nos faz.

Quando lemos as cartas de Chico Xavier, quando nos inteiramos de que a sua vivência é notavelmente coerente com tudo o que ele próprio recebe da Espiritualidade Maior, todo o nosso ser se enche de felicidade e nos sentimos também reabilitados! Porque existe alguém que está vivendo o Evangelho! e como diz Bezerra de Menezes: “Quando alguém se ergue, com ele se reabilita a Humanidade inteira.”

“Diz-nos Emmanuel, freqüentemente, que “para tomar ou adquirir alguma coisa de nossos semelhantes, a ação é sempre mais fácil, mas é sempre mais difícil dar a alguém o bem legítimo, quando nisto empenhamos o coração”. É o teu problema na hora que passa. Empenhado em ajudar a FEB, com as tuas melhores forças, sentes, de perto, o obstáculo e a incompreensão. Deus te fortaleça e ajude. (...)”

Emmanuel alerta-nos que “é sempre mais difícil dar a alguém o bem legítimo, quando nisto empenhamos o coração”, mas faz-nos sentir que a Providência Divina não nos deixará a descoberto. ♦

**Fonte:**

SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Págs. 190 - 193. Feb

# O Episódio da Tentação

por Richard Simonetti

**E**ra costume entre os judeus que os homens santos buscassem os lugares ermos para meditar. Esses períodos de solidão marcados pelo contato mais íntimo com a Natureza e por frugal alimentação, quase um jejum permanente, ensejavam um desperdício de forças espirituais que faziam deles verdadeiros taumaturgos, dotados de grande força moral e notáveis poderes psíquicos.

Observando a tradição, logo após seu encontro com João, o Batista, às margens do rio Jordão, Jesus internou-se no deserto, onde permaneceu quarenta dias. Enfraquecido e faminto foi visitado pelo demônio, que lhe disse:

“Se és filho de Deus, ordena que estas pedras se tornem pães.”

Jesus lhe respondeu: “Está escrito: “Não só de pão vive o Homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.”

O diabo o transportou a Jerusalém e colocando-o no pináculo do templo, disse-lhe:

“Se és filho de Deus, lança-te daqui abaixo, pois está escrito que ele ordenou a seus anjos tenham cuidado contigo e te sustentem nas mãos para não tropeçares em alguma pedra.”



***Segundo os teólogos medievais, os demônios foram anjos que pecaram antes da criação de Adão e tiveram por castigo o inferno.***

Jesus replicou: “Também está escrito: “Não tentarás o Senhor, teu Deus.”

O diabo o transportou ainda a um monte muito alto, donde lhe mostrou todos os reinos do mundo com sua glória e lhe disse:

“Dar-te-ei tudo isso se, prosterando-te, me adorares.”

Ordenou-lhe Jesus: “Afasta-te, Satanás, pois está escrito: “Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele servirás.”

A narrativa evangélica termina com a informação de que o demônio retirou-se e vieram os Anjos para servir a Jesus.

Não obstante a singularidade do ▶

diálogo, com inteligentes citações do Velho Testamento encaixadas nas respostas de Jesus, devemos tomá-lo quando muito à conta de uma alegoria, porquanto a figura do demônio, como a personificação do Mal, a força imutável que se contrapõe aos interesses de Deus, é mera ficção religiosa.

Segundo os teólogos medievais, os demônios foram anjos que pecaram antes da criação de Adão e tiveram por castigo o inferno. Ali, ao que parece, instalaram-se como soberanos do Mal, divertindo-se em torturar as criaturas humanas que se deixarem seduzir, na Terra, por suas sugestões malignas.

Embora, as afirmativas freqüentes de figuras representativas da ortodoxia religiosa quanto à sua existência, o diabo é hoje encarado pela vasta maioria dos fiéis como mera figuração mitológica. Para os teólogos isto seria uma trama do próprio demônio – convencer os homens de sua inexistência a fim de mais facilmente envolvê-los.

Todavia, deve-se essa descrença muito mais às fantasias com que cercam a figura do diabo ao longo dos séculos, chegando-se, inclusive, à elaboração de desenhos grotescos sobre sua aparência. Para a mentalidade racional do presente, tais idéias afiguram-se ridículas e infantis.

Revela a Doutrina Espírita a existência de Espíritos profundamente comprometidos com o vício e o crime, seres enfermos que, por estranho desvio, inspirado na rebelião sistemática, se comprazem em perseguir e prejudicar os Homens. Longe estão, entretanto, de repre-

sentarem um poder constituído, imutável em suas intenções, capaz de ameaçar a ordem universal, porquanto eles próprios estão regidos por Leis Divinas que trabalham incessantemente suas consciências, impelindo-os inexoravelmente à renovação.

O demônio, por isso, será todo filho de Deus transviado do Bem; mas, sua destinação final, irresistível, contrariando até mesmo a mais forte disposição em contrário é a angelitude. Longo e penoso caminho espera aqueles que tentam negar sua condição de filhos de Deus,

***Longo e penoso  
caminho espera  
aqueles que  
tentam negar  
sua condição de  
filhos de Deus***

marcado por milenárias lutas e sofrimentos, em expiações redentoras, e mais cedo ou mais tarde terão de trilhá-lo, porque esta é a vontade soberana do Criador, que jamais falha em seus propósitos.

Tão fantasiosa quanto a existência do diabo é a idéia de que teria tentado Jesus. Inteligente como o descrevem, saberia que ninguém pode ser impelido ao Mal senão pelo mal que guarda em seu próprio coração. Se é a oportunidade que faz o ladrão, como proclama o

velho ditado, devemos considerar que somente o ladrão a enxerga, inspirado por velhas tendências ao roubo.

Se deixarmos um pacote de notas sobre uma mesa, em lugar público, muitas pessoas passarão por ali indiferentes ao dinheiro. Mas aquele que estime apropriar-se de bens alheios, logo pensará numa forma de aproximar-se sorrateiramente e levar as notas.

Partindo desse princípio, conclui-se que Jesus jamais poderia ser tentado por perspectivas de poder e riqueza. Espírito puro e perfeito Ele situava-se acima dos interesses e das paixões que empolgam a Humanidade.

Podemos, pois, considerar esta passagem evangélica como apócrifa, uma interpolação, algo que não aconteceu. Quando muito se trata de uma alegoria apresentada por Jesus e interpretada pelos evangelistas como episódio autêntico.

De qualquer forma, observada a mesma lei de afinidade que estabelece a ligação do homem mau com a oportunidade de praticá-lo, é sempre bom saber que se pretendemos a condição de discípulos de Jesus é preciso que cultivemos pureza e virtude. Caso contrário, nossa comunhão com Ele será tão impossível quanto o episódio da tentação. ♦

**Fonte:**

SIMONETTI, Richard. *Em Busca do Homem Novo*. Págs. 7 - 9. Gráfica e Editora do Lar. 1986.

# A Sutil Sabedoria das Leis Divinas

por João Marcus (Pseudônimo de Hermínio C. Miranda)

**H**á muito mais sabedoria nas leis divinas do que pode apreender a nossa limitada inteligência. E não apenas nas leis que regulam o comportamento da matéria, na sua imensa cadeia estrutural desde o átomo até as grandes famílias de galáxias que se perdem pelo espaço, muito além do que pode alcançar a nossa imaginação. Há também uma sabedoria imanente nas leis da moral, essas que governam os mecanismos muito mais complexos das questões espirituais. Todo esse sistema cósmico, essa tremenda equação espírito-matéria, funciona num regime de perfeito equilíbrio e integração, sem uma falha, sem um recuo, sem um desvio. Aos pouquinhos vamos compreendendo que, em nosso próprio interesse, precisamos viver em sintonia com elas, porque, sendo imutáveis e inflexíveis, qualquer ajuste, porventura necessário em nossas relações com elas, deve ser feito à nossa própria custa; não é a lei que se vai modificar para atender ao nosso caso particular.

Veja, por exemplo, o leitor a doutrina da reencarnação, que

corresponde ao funcionamento prático da lei de causa e efeito. Somos responsáveis por todos os atos que praticamos e até pelos mais escondidos pensamentos temos que responder cedo ou tarde. Não que



*Todo esse sistema cósmico, essa tremenda equação espírito-matéria, funciona num regime de perfeito equilíbrio e integração*

haja um tribunal externo, montado alhures no espaço para fiscalizar e espionar cada gesto, cada palavra e cada intenção; nem para registrá-los num livro de contabilidade celeste onde se daria, ao fim da existência física, um balanço frio e impessoal para que nos fossem cobradas as contas que fizemos ou nos fossem atribuídos os prêmios que ganhamos. Não há esse tribunal inquisitorial no espaço; o que existe é um dispositivo automático de registro dentro de nós mesmos, onde fica tudo documentado para revisão posterior. Há um caderno secreto nos refolhos do nosso perispírito, onde inconscientemente, mas infalivelmente, vamos tomando nota de cada impulso do nosso espírito livre, como um aluno diligente tomaria notas de cada palavra que se lhe dissesse em aula. Mais tarde, quando se levantar o pesado véu da matéria que nos obscurece o entendimento integral de seres encarnados, vamos rever essas notas, estudar as lições que elas contêm, e começar o penoso trabalho de correção do que nelas existe de errado. Para isso precisamos reencarnar: há uma simetria perfeita em tudo ▶

quanto fazemos. Se aqui erramos, aqui mesmo deveremos trabalhar para retificar a falha. Nenhuma passagem é mais reveladora dessa lei inflexível, mas justa, como todas as leis cósmicas, que aquele ensino singelo de Jesus ao recomendar que primeiro se reconciliasse o homem com seu inimigo e depois fizesse a sua oferenda, e mais: que o fizesse enquanto juntos caminhassem pelas estradas e não depois que suas rotas se tivessem afastado uma da outra. São palavras de profunda sabedoria, porque nelas se contém um conselho verdadeiramente científico, cuja prática nos poupará tanta angústia e aflição mais tarde. E que, perdida a oportunidade da reconciliação enquanto estamos lado a lado com o irmão de quem divergimos, não sabemos quando poderemos reencontrá-lo para estender-lhe a mão, andar a metade do caminho em sua direção ou todo o caminho, se for preciso. Quanto arrependimento amargo e perfeitamente evitável não há, por aí, na carne e no mundo espiritual (principalmente neste), em pessoas que não tiveram um pouco mais de paciência e compreensão ou humildade e sabedoria! Coisas simples como aceitar um pai que nos parecia ranzinza demais, um irmão de sangue e de espírito que se nos afigurava intolerante, um marido ou uma esposa a quem julgamos cruéis, indiferentes, maldosos. O simples fato de termos o que se chama usualmente “uma diferença” com certa pessoa com quem convivemos ou com a qual nos encontramos com freqüência, já é um sinal muito forte a evidenciar que aquele é um dos espíritos com o qual precisamos aplicar o sábio princípio de reconciliação, ensinado

pelo Cristo. Vamos aproveitar enquanto caminhamos lado a lado e que, pelo menos de nossa parte, todos os esforços sejam feitos para restabelecer a paz que se quebrou nesta ou em outras vidas que se foram. Sabemos lá das razões que levaram aquele espírito a nos detestar ou a desconfiar de nós?

Mas, aqui entram os que, não aceitando a reencarnação, objetam enfáticos: Como é que eu não me lembro de nada das minhas vidas anteriores? Não seria preferível que eu soubesse de tudo para compreender melhor as coisas que me acontecem e corrigir o que fiz errado?

À primeira vista parece que a objeção é procedente, mas, se começamos a estudá-la melhor, vemos logo que não poderia funcionar assim o mecanismo da reencarnação. Os argumentos são muitos e têm sido repetidos com bastante freqüência, de modo que qualquer leitor de obras espíritas saberá defender seu ponto de vista reencarnacionista com relativa facilidade. O esquecimento é necessário ao progresso do Espírito, que só evolui quando caminha por suas próprias forças, escolhendo livremente entre o bem e o mal. De que lhe serviria o conhecimento de uma existência anterior, dos crimes que praticou, dos ódios que se abrigaram em seu coração, dos inimigos que teve, das riquezas ou poderes que possuiu, ou das misérias e angústias por que passou? Para que trazer, para uma existência que começa de novo, as aflições e preocupações de uma que se foi e já mergulhou no passado? Não é mais fácil nos reconciliarmos com uma criatura que não mais desperta em nós a lembrança do dano que nos causou? As vidas que se entrelaçam

estão cheias de exemplos dessa natureza. Numa existência, matamos um desafeto e lhe roubamos a esposa e os bens, encharcando de ódio a nossa vida e a dele. Os nossos caminhos se separaram antes que pudéssemos refazer a amizade, mas ainda não é tarde. É bem provável que ele nos volte, numa vida subsequente, como filho de nossa própria carne, para que lhe possamos restituir o bem da vida que lhe tiramos da outra vez e os bens materiais que dele subtraímos impiedosamente. E um processo inteligente e suave, pois que aquilo que lhe arrebatamos num instante, assumindo uma dívida enorme, agora lhe pagamos aos pouquinhos, sem grandes sacrifícios, amparando-o, educando-o à nossa custa, orientando-o para o bem. Quando, depois do desenlace de mais uma existência, nos reencontrarmos no Além, em plena consciência do passado, já estaremos reconciliados e mais amigos que nunca, pois nada é mais forte para cimentar uma ligação fraterna que a lembrança de antiga e superada inimizade.

Se, porém, no decorrer da existência corpórea, identificássemos o antigo desafeto de passadas eras, não teríamos a mesma serenidade para concertar com ele um pacto de paz e harmonia, porque as antigas feridas voltariam a sangrar e os sepultados ódios subiriam à tona, toldando-nos o entendimento e os bons propósitos.

Além de tudo isso, há também razões de ordem prática e menos transcendentais. Não podemos trazer para uma nova existência antigos preconceitos, impertinências, intolerâncias, nem sequer o mesmo conservadorismo estreito que impediria o nosso progresso e nos ►

tornaria velhos rabugentos desde a primeira infância. É que tudo evolui e progride, e, ao cabo de alguns decênios, precisamos mesmo ceder lugar aos espíritos que vão chegando, para que, com a nossa caturrice muito natural da velhice, não comecemos a servir de estorvo a novas idéias e novas conquistas. Os próprios costumes sociais e políticos também mudam com os tempos, enquanto que nós, presos aos limitados horizontes de uma existência carnal, não podemos alcançar muito longe nem acompanhar a marcha das modificações históricas e sociais. Com todos os seus erros, desvios e desvirtuamentos, temos que reconhecer que vive hoje no mundo uma população materialmente mais sadia e mais ciosa da sua liberdade. Rapazes e moças de boa formação encaram com simplicidade e ausência de malícia o fato de brincarem, passearem e se divertirem juntos jovens de ambos os sexos. Usamos roupas mais saudáveis, ainda que mais sumárias. Peças que fariam verdadeiro escândalo entre nossos avós, são hoje aceitas com naturalidade, não porque os costumes degeneraram, mas porque não há maldade nem deformação moral alguma no simples fato de irmos à praia expor nosso corpo à luz tonificante do Sol e aos benefícios saudáveis da água do mar. Mas como poderíamos aceitar as novas condições de liberdade, mesmo que sadia e controlada, se ainda trouxéssemos em nossa lembrança a memória das exageradas e muitas vezes insinceras restrições medievais? Será que teríamos bastante serenidade para aceitar todos esses “modernismos” e essas “loucuras”?

Com o avançar da idade vamo-

nos concentrando no passado, nos “bons tempos”; não nos abandona a memória de parentes e amigos que morreram. E o pior é que muitos ainda se amarguram mais por julgarem que os “perderam” irremediavelmente, que nunca mais os verão, que desapareceram para sempre, na misteriosa escuridão da

***E renascemos  
como uma nova  
folha imaculada  
diante dos olhos,  
para que dela  
façamos o uso que  
melhor nos convier***

morte. Mesmo com o conhecimento espiritual, sentimos a necessidade de partir para voltar, depois de uma permanência mais ou menos longa no espaço, onde fazemos um extenso e profundo exame de consciência, onde tomamos alento para um novo mergulho na carne e onde planejamos, com auxílio de mais experimentados irmãos, a nova existência, em suas linhas gerais, não presos a um determinismo fatalista, mas dentro de alguns limites que nós próprios nos impomos no interesse do nosso processo evolutivo.

Só depois de tudo assentado é que voltamos para renascer. Não trazemos na memória o conhecimento de tudo, mas, no silêncio do nosso quarto, podemos às vezes ouvir os ecos e os lampejos da intuição a nos segredar docemente, através da

voz da consciência, o que melhor nos convém fazer, quais as regras morais que devemos seguir, quais os exemplos que devemos dar e as atitudes que devemos tomar.

E renascemos como uma nova folha imaculada diante dos olhos, para que dela façamos o uso que melhor nos convier. Assim, aos poucos nos vamos adaptando às novas condições de vida, aceitando os progressos e conquistas da nova era e até mesmo contribuindo para que se processe rapidamente. Foram-se as impertinências e o exagerado conservadorismo obstrutivo que nos pesou tanto nos últimos anos da existência anterior. Já começamos a aprender por métodos mais avançados; recursos modernos, como televisão, rádio, práticos e velozes meios de comunicação, passam a ser coisas naturais, que aceitamos sem resistência e que facilmente e sem atritos se incorporam ao cotidiano. Nossa própria filosofia se altera profundamente muito embora os princípios morais norteadores sejam fundamentalmente os mesmos, porque, no que diz respeito à moral, só podemos andar para frente e nunca involuir. Se dantes pertencíamos a uma organização religiosa intransigente e intolerante, dogmática e obscura, na nova existência poderemos abraçar uma doutrina mais liberal, mais pura, que nos ajude decididamente a caminhar, mostrando-nos melhores roteiros. Há ou não há uma sabedoria muito sutil e profunda no mecanismo da reencarnação? ♦

**Fonte:**

MIRANDA, Hermínio C. *Candeias na Noite Escura*. Págs. 44 - 49. Feb. 2005.

# Ele Atenderá

por Emmanuel / Chico Xavier

Quando atravesses um instante considerado terrível, na jornada redentora da Terra, recorda que o desespero é capaz de suprimir-te a visão ou barrarte o caminho.

Para muitos, esse minuto estranho aparece na figura da enfermidade; para outros, na forma da cinza com que a morte lhes subtrai temporariamente o sorriso de um ente amado.

Em muitos lugares, guarda a feição de crise espiritual, aniquilando a esperança; e, em outros ainda, ei-lo que surge por avalanche de provas encadeadas, baldando a energia.

\*

Ninguém escapa aos topos da luta, que diferem para cada um de nós, segundo os objetivos que procuramos nas conquistas do Espírito.

Esse jaz atormentado de tentações, aquele padece abandono, aquele outro chora oportunidades perdidas e mais outro lamenta os desenganos da própria queda.

\*

Se chegaste a instante assim, obscurecido por nuvens de lágrimas, arrima-te à paciência, ouve a fé, aconselha-te com a reflexão e medita com a serenidade, mas não procures a opinião do esmorecimento.

\*

Desânimo é fruto envenenado da ilusão que alimentamos a nosso respeito. Ele nos faz sentir pretensamente superiores a milhares de irmãos que, retendo qualidades não menos dignas que as nossas, carregam por amor fardos de sacrifício, dos quais diminutas parcelas nos esmagariam os ombros.



Venha o desânimo como vier, certifica-te de que a forma ideal para arredar-lhe a sombra será compreender, auxiliar, abençoar e servir sempre.

\*

Guardes o coração conturbado ou ferido, magoado ou desfalecente, serve em favor dos que te amparem ou desajudem, entendam ou caluniem.

Ainda que todos os apoios humanos te falhem de improviso, nada precisas temer.

Tens contigo à frente e à retaguarda, à esquerda e à direita, a força do companheiro invisível que te resolve os problemas sem te perguntar e que te provê com todos os recursos indispensáveis à paz e à sustentação de teus dias. Ele que ama, trabalha e serve sem descanso, espera que ames, trabalhes e sirvas quanto possas.

Sem que o saibas, ele te acompanha os pequeninos progressos e se regozija com os teus mais íntimos triunfos, assegurando-te tranqüilidade e vitória.

Ele que te salvou ontem, salvará também hoje.

Em qualquer tempo, lugar, dia ou circunstância, em que te sintas à beira da queda na tentação ou na angústia, chama por Ele.

Ele te atenderá pelo nome de Deus. ♦

## Fonte:

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Rumo Certo*. Págs. 13 - 15. Feb. 2005

# Diretrizes de Segurança



por Divaldo Franco e Raul Teixeira

## 15. Que utilidade tem a mediunidade de vidência?

**Divaldo** – A utilidade é a de desvelar os painéis do mundo espiritual, sabendo observá-los, e, melhor ainda, mantendo discrição no traduzi-los, para não a transformar num informativo de levandades.

## 16. Qual a colaboração que um médium vidente pode dar no transcurso de uma sessão mediúcnica?

**Divaldo** – Fazendo observações, anotando pontos capitais e colaborando com o médium doutrinador, para que ele esteja informado da qualidade dos espíritos que ali se comunicam.

## 17. É sempre segura e permanente essa faculdade?

**Divaldo** – Como toda faculdade mediúcnica, ela é transitória e oscilante, dependendo muito do estado moral do médium.

## 18. Por que dois médiuns enxergam, ao mesmo tempo, quadros diferentes?

**Divaldo** – Porque as percepções visuais são em faixas vibratórias, que oscilam de acordo com o grau de adiantamento do espírito do médium.

Um registra uma faixa, na qual se manifestam os espíritos, e outro registra um tipo de faixa diversa.

Ocorre, também, que a maioria dos médiuns videntes é clarividente, e, nesse caso, a imaginação, quando indisciplinada, elabora construções e imagens que ele não sabe traduzir, perturbando-se com aquilo que capta.

## 19. Podem, simultaneamente, dois médiuns, em se referindo à mesma entidade, fazer descrições diferentes e serem verídicas, ambas?

**Divaldo** – Seria o mesmo que duas pessoas de graus de cultura diversos descrevendo uma tela. Cada uma informará os detalhes que lhe chamem a atenção, com as possibilidades da sua capacidade descritiva. Mas o conjunto geral será o mesmo.

## 20. Deverá ser?

**Divaldo** – Deverá ser.

## 21. Qual a finalidade de médiuns curadores?

**Divaldo** – A prática do bem, do auxílio aos doentes. ▶

O Apóstolo Paulo já dizia: “Uns falam línguas estrangeiras, outros profetizam, outros impõem as mãos” ...<sup>1</sup>

Como o Espiritismo é o Consolador, a mediunidade, sendo o campo, a porta por meio da qual os Espíritos Superiores semeiam e agem, a faculdade curadora é o veículo da Misericórdia para atender a quem padece, despertando-o para as realidades da Vida Maior, a Vida Verdadeira. Após a recuperação da saúde, o paciente já não tem o direito de manter dúvidas nem suposições negativas ante a realidade do que experimentou.

O médium curador é o intermediário para o chamamento aos que sofrem, para que mudem a direção do pensamento e do comportamento, integrando-se na esfera do Bem.

## **22. É normal que médiuns dessa natureza se utilizem de instrumental cirúrgico, de instrumentária, que os caracterizem como médicos?**

**Divaldo** – Na minha forma de ver, trata-se de ignorância do espírito comunicante, que deve ser devidamente esclarecido, e de presunção do médium, que deve ter alguma frustração e se realiza dessa forma, ou de uma exibição, ou, ainda, para gerar maior aceitação do consulente que, condicionado pela aparência, fica mais receptivo. Já que os espíritos se podem utilizar dos médiuns que normalmente não os usam, não vejo porque recorrer à técnica humana quando eles a possuem superior.

## **23. Quais os cuidados que se deve tomar para que o médium curador não se apresente como um curandeiro e não esteja enquadrado no Código Penal, pela prática ilegal da medicina?**

**Divaldo** – Primeiro, que ele estude a Doutrina

Espírita, porque todo e qualquer médium que ignora o Espiritismo é alguém que caminha em perigo.

Por que é alguém que caminha em perigo? Porque aquele que ignora os recursos que possui, que se desconhece a si mesmo, é incapaz de realizar um trabalho em profundidade e com equilíbrio.

Se estuda a Doutrina, fica sabendo que a faculdade de que se encontra revestido é temporária, é o acréscimo de responsabilidade, também uma provação, na qual ele estará sendo testado constantemente e deve sempre, em cada exame, lograr um resultado positivo.

Depois de se dedicar ao estudo da Doutrina, deve se vincular a um Centro Espírita, porque um dos fatores básicos do nosso comportamento é a solidariedade, em trabalho de equipe. Estando a trabalhar num Centro Espírita, ele estará menos vulnerável às agressões das pessoas frívolas, irresponsáveis, dos interesseiros; terá um programa de ação, em dias e horas adrede estabelecidos. Então, não ficará à mercê da mediunidade, em função dela, mas será um cidadão normal, que tem seus momentos de atender, trabalhando para viver com dignidade e renunciando as suas horas de descanso em favor do ministério mediúcnico.

Para que ele poupe de ficar incurso no Código Penal, deve fazer o exercício da mediunidade sem prometer, sem anunciar curas retumbantes, porque estas não podem ser antecedidas, e a Deus pertencem, e não retire da mediunidade nenhum proveito imediato, porque o curandeirismo implica em exploração da ingenuidade do povo, da superstição e da má-fé. Se ele é dotado de uma faculdade mediúcnica, seja qual seja, dentro de uma vida regular e equilibrada, preservar-se-á a si mesmo. Se, eventualmente, for colhido nas artimanhas e nas malhas da Lei, isto será consequência da Lei Divina.

Que ele saiba pagar o preço do ministério que executa, que lhe foi confiado pelo Senhor. ♦

### **Fonte:**

FRANCO, Divaldo P. TEIXEIRA, Raul J. *Diretrizes de Segurança*. Págs. 17 - 19. Frater, 2002.

<sup>1</sup> - Opus cit.

CAPA

# Pais e Filhos à luz da Reencarnação



# Pais e Filhos à luz da Reencarnação

por Therezinha Oliveira



## O que os pais transmitem aos filhos?

Não são os pais que criam o espírito de seu filho. Nem é verdade que os pais transmitam aos filhos parte de sua própria alma. Porque o corpo procede do corpo, mas o espírito não procede do espírito, vem de Deus que o criou.

O que os pais fornecem aos filhos é o material para a formação do invólucro corpóreo. O corpo que se forma costuma ter semelhança física e de disposições orgânicas com os pais, devido à hereditariedade.

A essa vida animal que os pais transmitem aos filhos, uma nova alma, a do filho, vem se juntar, trazendo a vida moral, porque se trata de Espíritos diferentes.

Os pais jamais transmitem aos filhos a semelhança moral, porque se trata de Espíritos diferentes. As semelhanças morais que existem, às vezes, entre pais e filhos vêm do fato de serem eles Espíritos simpáticos entre si, atraídos pela afinidade de suas inclinações. Podem ser também resultado da educação, pois o espírito dos pais exerce, e muito, influência sobre o espírito dos filhos, após o nascimento.

## O Espírito na infância corpórea

As crianças não são almas recém-criadas por Deus. São Espíritos com certa experiência e desenvolvimento, pois já viveram muitas vidas anteriormente. Trazem, como bagagem espiritual, as conseqüências de seus acertos e, também de seus erros, o que pode estar simbolizado na antiga idéia de “pecado original”.

Quando passa pelo estágio da infância física, o Espírito está como que num repouso de atividade mais intensa do seu eu. E torna-se mais acessível às impressões que recebe, porque o cérebro novo registrará novos informes e estímulos. Costuma apresentar-se mais dócil, porque se encontra dependente para com seus pais ou responsáveis na vida terrena.

Por isso, a infância é o momento ideal para o Espírito receber a ação educativa, moralizante, que muito poderá ajudá-lo a progredir nessa nova reencarnação.



### Educar é missão dos pais

É aos pais que cabe, em especial, a missão de desenvolver o espírito dos filhos pela educação, procurando corrigir as tendências más que trazem e cultivar neles as boas qualidades que têm em potencial, como criaturas de Deus que são.

Os pais não poderão, pelos pensamentos e preces, determinar para o corpo do filho que vão gerar, um bom Espírito em lugar de um Espírito pouco evoluído. Mas podem melhorar o Espírito da criança a que deram nascimento e que lhes foi confiada. Esse é o seu dever.

***Educar filhos  
é tarefa que  
Deus confiou  
aos pais  
e, se nela  
falharem, serão  
responsáveis***

Filhos maus são uma prova para os pais, ou uma oportunidade de reajuste ante as leis divinas, por terem contribuído, em vida anterior, para o desvio moral do Espírito que, agora, é seu filho.

Também pode um Espírito mau ter pedido, e Deus lhe concedeu, nascer com bons pais, na esperança de que seus conselhos o dirijam por uma senda melhor. Assim, pais bons e virtuosos podem ter um filho mau e até perverso como oportunidade abençoada de cooperar para que ele se recupere moralmente. ▶

Educar filhos é tarefa que Deus confiou aos pais e, se nela falharem, serão responsáveis. Mas, se fizerem tudo o que podiam e deviam pelo adiantamento moral de seus filhos e estes é que não aceitam a boa orientação, os pais podem ficar de consciência tranqüila. A amargura que sentem por não alcançarem o êxito esperado é suavizada pela certeza de que, no futuro, ainda poderão concluir a obra agora começada e que, um dia, os filhos ingratos os recompensarão com o seu amor.

Todas as pessoas que convivem com a criança também devem cooperar na sua educação, pois a fraternidade nos faz responsáveis uns pelos outros.

Em complementação à tarefa educadora dos pais, os Centros Espíritas procuram organizar grupos para a educação moral da infância, para lhes transmitir os ensinamentos evangélicos, à luz do Espiritismo.

### Semelhanças entre irmãos

Muitas vezes há semelhanças de caráter entre irmãos, sobretudo entre gêmeos, o que pode ser explicado por:

- influência da educação igual que tiveram e a que foram acessíveis; ou

- por serem Espíritos simpáticos e afins entre si.

Porém, não é regra geral essa semelhança. Às vezes, há aversão entre irmãos, mesmo gêmeos, porque são Espíritos desafetos, diferentes ou maus, que precisam estar juntos para seu mútuo progresso no cenário da vida terrena.



Gêmeos siameses são os que nascem com os corpos ligados externamente ou, até mesmo, com

**Às vezes, há aversão entre irmãos, mesmo gêmeos, porque são Espíritos desafetos**

certos órgãos em comum. A Ciência, quando possível, promove a separação de seus corpos. Havendo duas cabeças pensantes, é que ali estão dois Espíritos habitando num mesmo conjunto físico. Somente serão semelhantes entre si, quanto a sentimento e comportamento, se forem afins espiritualmente. Mas,

geralmente, Espíritos que chegam a essa situação é porque trazem, de vida anterior, graves e profundos problemas no seu relacionamento. Na existência atual, têm de se suportar e ajudar mutuamente para poderem sobreviver, o que deverá acabar reajustando-os espiritualmente. Se a Ciência conseguir separá-los ainda nesta encarnação, é porque já estão melhorados espiritualmente pela experiência que sofreram e podem, de novo, prosseguirem independentes. Se a Ciência não puder separá-los, somente se libertarão ao término desta reencarnação, se de fato se houverem reajustado entre si; então, retomará cada qual o seu caminho. ♦

#### Fonte:

OLIVEIRA, Therezinha. *Iniciação ao Espiritismo*. Págs 111 - 114. Editora Allan Kardec

# Origem do Cristianismo

por Vinícius

Vendo Deus os homens se hostilizarem numa vida de egoísmo – uns amontoando haveres, outros sucumbindo rotos e famintos, uns governando como tiranos, outros obedecendo como escravos –, chamou Jesus, e disse-lhe: “Filho bem-amado; vai à Terra, e dize àquela gente que eles todos são irmãos, filhos meus, criados por mim que tenho reservado a todos igual destino, ensina-lhes que minha lei é amor. Esforça-te por fazê-los compreender essa lei; exemplifica-a do melhor modo possível, ainda mesmo com sacrifício de tua parte. Quero, faço empenho que o egoísmo desmedido, que impera no coração do homem, seja substituído pelo amor. Sei que isto é difícil, que vai custar muito, mas não importa: minha vontade é essa. Tu serás a encarnação do meu verbo. Falarás aos homens, instruí-los-ás no conhecimento dessa verdade. Eu serei contigo.”

Jesus, filho dileto e obediente, ouviu a palavra do Pai, saturou-se dela, e, penetrado da missão que recebera, veio ao mundo.

Nasceu num estábulo, para mostrar em que desprezo tinha as estultas vaidades deste meio.

Cresceu, fez-se homem, e deu início ao cumprimento da ordem recebida. Começou a instruir a Humanidade. Pregava nas praças públicas, nas praias do mar, nas ruas, onde quer que se reunisse o povo. Percorria cidades, vilas e aldeias, anunciando e exemplificando a lei do amor.

Dizia, dentre outras coisas: Homens: vós sois irmãos; amai-vos mutuamente; pois em tal se resume a única e verdadeira religião. A vossa sociedade está dividida; há entre vós

separações profundas. Uns dispõem do poder com tirania; outros se submetem como servos. O grande oprime o pequeno. O fraco é esmagado pelo forte. Para os ricos, todas as regalias, todos os privilégios; para os pobres, trabalhos e angústias. Tendes concentrado toda a vossa aspiração na posse da terra com seus bens. O egoísmo domina-vos. É necessário que vos reformeis. A existência, que ora fruís no mundo, passa como uma sombra, é apenas uma oportunidade que o Pai vos

concede para conquistardes o futuro brilhante que Ele vos reserva. Aspirai pois, de preferência, aos bens espirituais, que o ladrão não rouba, e a traça não rói. Tal é a vontade do Pai. Vós o adorais com os lábios, mas não o fazeis com o coração. Deus é espírito, e neste caráter deve ser compreendido. Ele não está encarcerado nos templos de pedra como supõem os judeus em Jerusalém, e os samaritanos em Garezim; mas, espírito que é, Ele se manifesta a todos que invocam o seu nome com fé, permanecendo em seu mandamento. A estes, Deus procura para seus adoradores. Os ritos e cerimônias são coisas vãs, inventadas pelos homens. ▶



E enquanto assim ia falando, Jesus curava toda a sorte de enfermos que encontrava, inclusive leprosos, cegos de nascença, e paráliticos. E tudo fazia por amor; não recebia nenhuma paga pelos benefícios que prodigamente distribuía.

O povo escutava-o com avidez, sorvendo a largos haustos as boas novas que ele anunciava; pois, até então, jamais alguém pregara semelhante doutrina de amor e de igualdade. Grande era já o número dos que o seguiam e propagavam seus feitos.

O clero e as autoridades começaram a inquietar-se vendo na doutrina de Jesus um perigo para as instituições vigentes, e particularmente para os privilégios que desfrutavam os representantes do Estado e da Igreja.

Os dois poderes – o temporal e o espiritual – resolveram agir em defesa de seus mútuos interesses seriamente ameaçados. Trataram, desde logo, de prender Jesus. Antes, porém, de o fazer, prepararam o ânimo do povo, dizendo: o Nazareno é um impostor, inimigo da Igreja e de César. Todos os prodígios que faz é por influência de Belzebu. É um blasfemo, um herege, que nem sequer guarda a tradição de nossos pais, legada por Moisés.

Sugestionado o povo ignaro, restava consumir-se o delito. Prenderam o Enviado de Deus, e levaram-no ao sinédrio.

Ali, os sacerdotes o interrogaram, e acerbamente o acusaram. Jesus calara. É indispensável que morra, concluíram por unanimidade. Levemo-lo a Pilatos para que ele, na qualidade de representante de César, lavre a sentença. E con-

duziram-no, sob chufas e apupadas, até o palácio do preposto de César. Pilatos recebeu a embaixada, e interpelou o pseudo-criminoso. Achou-o inocente. Voltando-se então para os seus acusadores, disse: “Não vejo neste homem crime algum. Propinho que seja absolvido.”

- Nunca! - Bradaram em coro os sacerdotes, os escribas e os fariseus.

- Preferimos perdoar a Barrabás,

***Os homens deste mundo são maus, contudo, eu imploro para eles o teu perdão, porque também são ignorantes: não sabem o que fazem***

o homicida. Quanto ao Nazareno queremos que seja crucificado. É amotinador, é blasfemo, é endemoninhado, é louco; cura doentes de graça; nivela senhores e escravos, nobres e plebeus; diz que se deve renunciar às riquezas, que todos os homens são filhos de Deus, e que a religião é amor.

- Mas eu não vejo nele crime algum. - Obtemperou o Procônsul romano.

- Se não crucificares o Nazareno - retrucou o povilêu, instigado pelos

sacerdotes -, não és amigo de César, pois só a ele temos como rei, e Jesus se diz rei. Lavra a sentença; do contrário apelamos para César.

Pilatos, acobardado pela ameaça, entregou Jesus, para ser crucificado. E crucificaram-no, ladeado por ladrões.

Antes, porém, de Jesus exalar o derradeiro suspiro, voltou-se para umas mulheres piedosas, e alguns discípulos fiéis, que choravam ao pé da cruz, e disse:

- Não vos entristeçais; eu não vos deixarei órfãos, mas voltarei a vós. - E, levantando os olhos para o céu, acrescentou: - Pai, cumpri o teu mandato. Fui até o sacrifício. Traguei, até a última gota, o cálice da amargura. Os homens deste mundo são maus, contudo, eu imploro para eles o teu perdão, porque também são ignorantes: não sabem o que fazem. Julgam que podem contrariar os teus desígnios executando-me, a mim, que fui o intérprete de tua palavra. Eu sei que tu farás prevalecer a tua soberana vontade. E continuarei ao teu lado, agindo sob teu influxo, e, comigo, aqueles que tu me deste.

Assim, mais dia menos dia, a luz vencerá as trevas, a liberdade se oporá à escravidão, a justiça destronará a tirania, e, ao reinado do egoísmo, sucederá o reinado do amor. Passarão o céu e a terra, mas a tua palavra não passará. Recebe, Pai, o meu espírito. ♦

**Fonte:**

VINÍCIUS. Nas Pegadas do Mestre. Págs. 11 - 14. Feb. 1995.

# Discurso pronunciado junto ao túmulo de Allan Kardec

por Camille Flammarion

enhores:  
Aceitando com deferência o convite simpático dos amigos do pensador laborioso cujo corpo terreno jaz agora aos nossos pés, vem-me à mente um dia sombrio do mês de dezembro de 1865, em que pronunciei palavras de supremo adeus junto à tumba do fundador da Livraria Acadêmica, do honrado Didier, que, como editor, foi colaborador convicto de Allan Kardec, na publicação das obras fundamentais de uma doutrina que lhe era cara. Também ele morreu subitamente, como se o céu houvesse querido poupar a esses dois Espíritos íntegros o embaraço fisiológico de sair desta vida por via diferente da comumente seguida. A mesma reflexão se aplica à morte do nosso ex-colega Jobard, de Bruxelas.

Hoje, maior ainda é a minha tarefa, porquanto eu desejara figurar à mente dos que me ouvem e à dos milhões de criaturas que na Europa inteira e no Novo Mundo se têm ocupado com o problema ainda misterioso dos fenômenos chamados espíritas; — eu quisera, digo, poder figurar-lhes o interesse científico e o porvir filosófico do estudo desses fenômenos, ao qual se hão consagrado, como ninguém ignora, homens eminentes dentre os ▶



nossos contemporâneos. Estimaria fazer-lhes entrever os horizontes desconhecidos que a mente humana verá rasgar-se diante de si, à medida que ela ampliar o conhecimento positivo das forças naturais que em torno de nós atuam; mostrar-lhes que essas comprovações constituem o mais eficaz antídoto para a lepra do ateísmo, de que parece atacada, principalmente, a nossa época de transição; dar, enfim, aqui, testemunho público do eminente serviço que o autor de *O Livro dos Espíritos* prestou à filosofia, chamando a atenção e provocando discussões sobre fatos que até então pertenciam ao domínio mórbido e funesto das superstições religiosas.

Seria, com efeito, um ato importante firmar aqui, junto deste túmulo eloqüente, que o metódico exame dos fenômenos erroneamente qualificados de supranormais, longe de renovar o espírito de superstição e de enfraquecer a energia da razão, ao contrário, afasta os erros e as ilusões da ignorância e serve melhor ao progresso, do que as negações ilegítimas dos que não querem dar-se ao trabalho de ver.

Mas, este não é lugar apropriado a estabelecer uma arena às discussões desrespeitosas. Deixemos apenas que das nossas mentes desçam, sobre a face impassível do homem ora estendido diante de nós, testemunhos de afeição e sentimentos de pesar, que lhe permaneçam ao redor em seu túmulo, qual embalsamamento do coração! E, pois que sabemos que sua alma eterna sobrevive a estes despojos mortais, do mesmo modo que a eles preexistiu; pois que sabemos que laços indestrutíveis unem o nosso

mundo visível ao mundo invisível; pois que esta alma existe hoje tão bem como há três dias e que não é impossível se ache atualmente na minha presença; digamos-lhe que não quisemos se desvanecesse a sua imagem terrena encerrada no sepulcro, sem unanimemente rendermos homenagem a seus trabalhos e à sua memória, sem pagar um tributo de reconhecimento à sua encarnação terrena, tão útil e tão dignamente preenchida.

Traçarei, primeiro, num esboço rápido, as linhas principais da sua carreira literária.

Morto na idade de 65 anos,

***E, pois que sabemos que sua alma eterna sobrevive a estes despojos mortais...***

Allan Kardec consagrara a primeira parte de sua vida a escrever obras clássicas, elementares, destinadas, sobretudo, ao uso dos educadores da mocidade. Quando, pelo ano de 1855, as manifestações, novas na aparência, das mesas girantes, das pancadas sem causa ostensiva, dos movimentos insólitos de objetos e móveis começaram a prender a atenção pública, determinando mesmo, nos de imaginação aventureira, uma espécie de febre, devida à

novidade de tais experiências, Allan Kardec, estudando ao mesmo tempo o magnetismo e seus singulares efeitos, acompanhou com a maior paciência e clarividência judiciosa as experimentações e as tentativas numerosas que então se faziam em Paris.

Recolheu e pôs em ordem os resultados conseguidos dessa longa observação e com eles compôs o corpo de doutrina que publicou em 1857, na primeira edição de *O Livro dos Espíritos*. Todos sabeis que êxito alcançou essa obra, na França e no estrangeiro. Havendo atingido a 16ª edição, tem espalhado em todas as classes esse corpo de doutrina elementar que, na sua essência, não é absolutamente novo, porquanto a escola de Pitágoras, na Grécia, e a dos druidas, em a nossa pobre (1) Gália, ensinavam os seus princípios fundamentais, mas que agora reveste uma forma de verdadeira atualidade, pelo corresponder aos fenômenos.

Depois dessa primeira obra apareceram, sucessivamente, *O Livro dos Médiuns*, ou *Espiritismo experimental*; — *O que é o Espiritismo?* ou resumo sob a forma de perguntas e respostas; — *O Evangelho segundo o Espiritismo*; — *O Céu e o Inferno*; — *A Gênese*. A morte o surpreendeu no momento em que, com a sua infatigável atividade, trabalhava noutra sobre as relações entre o Magnetismo e o Espiritismo.

Pela *Revista Espírita* e pela *Sociedade de Paris*, cujo presidente ele era, se constituíra, de certo modo, o centro a que tudo ia ter, o traço de união de todos os experimentadores. Faz alguns meses, sentindo próximo o seu fim, preparou as

condições de vitalidade de tais estudos para depois de sua morte e instituiu a Comissão Central que lhe sucede.

Suscitou rivalidades; fez escola de feição um pouco pessoal, havendo ainda alguns dissídios entre os “espiritualistas” e os “espíritas”. Doravante, Senhores (tal, pelo menos, o voto que formulam os amigos da verdade), devemos unir-nos todos por uma solidariedade fraterna, pelos mesmos esforços em prol da elucidação do problema, pelo desejo geral e impessoal do verdadeiro e do bem.

Disseram, Senhores, do digno amigo a quem rendemos hoje as derradeiras homenagens, que ele não era o que se chama um sábio, que não fora, primeiro, físico, naturalista, ou astrônomo e que preferira constituir um corpo de doutrina moral, antes de haver submetido à discussão científica a realidade e a natureza dos fenômenos.

Talvez, Senhores, se deva preferir que as coisas tenham começado assim. Nem sempre se deve recusar valor ao sentimento. Quantos corações já foram consolados por esta crença religiosa! Quantas lágrimas hão secado! Quantas consciências se abriram às irradiações da beleza espiritual! Nem toda a gente é ditosa neste mundo. Muitas afeições aí são despedaçadas! Muitas almas têm adormecido no cepticismo! Então, nada é o haver trazido ao espiritualismo tantos seres que flutuavam na dúvida e que já não amavam a vida, nem a vida física, nem a intelectual?

Fora Allan Kardec um homem de ciência e de certo não houvera podido prestar este primeiro

serviço e dilatá-lo até muito longe, como um convite a todos os corações. Ele, porém, era o que eu denominarei simplesmente “o bom-senso encarnado”. Razão reta e judiciosa, aplicava sem cessar à sua obra permanente as indicações íntimas do senso comum. Não era essa uma qualidade somenos, na ordem de coisas com que nos ocupamos. Era, ao contrário, pode-se afirmá-lo, a primeira de todas e a mais preciosa, sem a qual a obra não teria podido tornar-se popular, nem lançar pelo mundo suas raízes imensas. A maioria dos que se têm dado a estes estudos lembram-se de

*Não há milagres. Assistimos ao alvorecer de uma ciência desconhecida*

que na mocidade, ou em certas circunstâncias, foram testemunhas de manifestações inexplicadas. Poucas são as famílias que não contem na sua história provas desta natureza. O ponto de partida era aplicar-lhes a razão firme do simples bom-senso e examiná-las segundo os princípios do método positivo.

Conforme o seu próprio organizador previu, esse estudo, que foi lento e difícil, tem que entrar agora num período científico. Os fenômenos físicos, sobre os quais a princí-

pio não se insistia, hão de tornar-se objeto da crítica experimental, a que devemos a glória dos progressos modernos e as maravilhas da eletricidade e do vapor. Esse método tem de tomar os fenômenos de ordem misteriosa a que assistimos para os dissecar, medir e definir.

Porque, meus Senhores, o Espiritismo não é uma religião, mas uma ciência, da qual apenas conhecemos o a, b, c. Passou o tempo dos dogmas. A Natureza abrange o Universo, e o próprio Deus, feito outrora à imagem do homem, a moderna Metafísica não o pode considerar senão como um espírito na Natureza. O sobrenatural não existe. As manifestações obtidas com o auxílio dos médiuns, como as do magnetismo e do sonambulismo, são de ordem natural e devem ser severamente submetidas à verificação da experiência. Não há milagres. Assistimos ao alvorecer de uma ciência desconhecida. Quem poderá prever a que conseqüências conduzirá, no mundo do pensamento, o estudo positivo desta nova psicologia?

Doravante, o mundo é regido pela ciência e, Senhores, não virá fora de propósito, neste discurso fúnebre, assinalar-lhe a obra atual e as induções novas que ela nos patenteia, precisamente do ponto de vista das nossas pesquisas.

Em nenhuma época da História a Ciência desdobrou, ante o olhar espantado do homem, tão grandiosos horizontes. Sabemos agora que a Terra é um astro e que a nossa vida atual se completa no céu. Pela análise da luz, conhecemos os elementos que ardem no Sol e nas estrelas, a milhões e trilhões de léguas do nosso observatório terres-



tre. Por meio do cálculo, possuímos a história do céu e da Terra, assim no passado longínquo, como no futuro, passado e futuro que não existem para as leis imutáveis. Pela observação, temos pesado as terras celestes que gravitam na amplidão. O globo em que nos encontramos tornou-se um átomo estelar que voa no espaço dentro das profundezas infinitas e a nossa própria existência

*Os nossos olhos  
somente vêem  
as coisas entre  
dois limites,  
aquém e além  
dos quais nada  
enxergam*

neste globo se tornou uma fração infinitesimal da nossa eterna vida. Mas, o que, com razão, nos pode tocar ainda mais vivamente é esse surpreendente resultado dos trabalhos físicos realizados nestes últimos anos: que vivemos em meio de um mundo invisível, a atuar incessantemente em torno de nós.

Sim, Senhores, é esta, para nós, uma revelação imensa. Contemplai, por exemplo, a luz que a esta hora o Sol brilhante espalha na atmosfera; contemplai esse azul tão suave da abóbada celeste; notai os eflúvios deste ar tépido, que nos vem acariciar as faces; admirai, estes monumentos e esta terra. Pois bem:

conquanto tenhamos escancarados os olhos, não vemos o que aqui se passa! Sobre cem raios emanados do Sol, apenas um terço deles é acessível à nossa vista, quer diretamente, quer refletidos por todos os corpos; os dois terços restantes existem e atuam à volta de nós, mas de maneira invisível, embora real. São quentes, sem nos serem luminosos e são, no entanto, muito mais ativos do que os que nos impressionam, porquanto são eles que atraem as flores para o lado do Sol, que produzem todas as ações químicas (2) e também que elevam, sob forma igualmente invisível, o vapor d'água na atmosfera para formar as nuvens, exercendo assim, sem cessar, em torno de nós, de maneira oculta e silenciosa, uma ação colossal, mecanicamente equiparável ao trabalho de muitos bilhões de cavalos!

Se nos são invisíveis os raios caloríficos e os raios químicos que constantemente atuam na Natureza, é porque os primeiros não nos ferem com bastante rapidez a retina e porque os segundos a ferem com rapidez excessiva. Os nossos olhos somente vêem as coisas entre dois limites, aquém e além dos quais nada enxergam. Pode comparar-se o nosso organismo terreno a uma harpa de duas cordas, que são o nervo óptico e o nervo auditivo. Certa espécie de movimentos põe em vibração a primeira e outra espécie de movimentos faz vibrar a segunda: nisto se resume toda a sensação humana, mais restrita neste ponto do que a de alguns seres vivos, de alguns insetos, por exemplo, que possuem mais delicadas essas mesmas cordas da visão e da audição. ▶

Ora, em a Natureza, existem realmente, não dois, porém dez, cem, mil espécies de movimentos. A ciência física nos ensina, portanto, que vivemos, assim, dentro de um mundo que nos é invisível, nada tendo de impossível que seres (também invisíveis para nós) vivam igualmente na Terra, com uma ordem de sensações absolutamente diversa da das nossas e sem que lhes possamos apreciar a presença, a menos que se nos manifestem por fatos que caibam na ordem das nossas sensações.

Diante de verdades tais, que apenas se entreabrem, quão absurda e sem valor se revela a negação a priori! Quando se compara o pouco que sabemos e a exigüidade da nossa esfera de percepção com a quantidade do que existe, não se pode deixar de concluir que nada sabemos, que tudo estamos por saber. Com que direito, então, preferiremos a palavra impossível, em presença de fatos que testemunhá-vamos, sem, todavia, lhes podermos descobrir a causa única?

A Ciência nos faculta perspectivas tão autorizadas quanto as precedentes, sobre os fenômenos da vida e da morte e sobre a força que nos anima. Basta observemos a circulação das existências.

Tudo são meras metamorfoses. Arrastados em seu curso eterno, os átomos constitutivos da matéria passam incessantemente de um corpo a outro, do animal à planta, da planta à atmosfera, da atmosfera ao homem, e o nosso próprio corpo, enquanto nos dura a vida, muda continuamente de substância constitutiva, do mesmo modo que

a chama, que só brilha por meio dos elementos que de continuo se renovam. E, quando a alma desfere o vôo, esse mesmo corpo já tantas vezes transformado durante a vida, restitui definitivamente à Natureza todas as moléculas, para não mais as retomar. O dogma inadmissível da ressurreição da carne se acha

***O dogma  
inadmissível da  
ressurreição da  
carne se acha  
substituído  
pela elevada  
doutrina da  
transmigração  
das almas.***

substituído pela elevada doutrina da transmigração das almas.

O sol de abril irradia nos céus e nos inunda com o seu primeiro rocio calorífico. Já as campinas despertam, já os primeiros rebentos se entreabrem, já a primavera refloresce, o azul-celeste sorri e a ressurreição se opera. Entretanto, esta vida nova é formada pela morte e apenas ruínas cobre! Donde vem a seiva destas árvores que reverdecem nos campos dos mortos? Donde vem esta umidade que lhe nutre as raízes? Donde vêm todos os elementos que farão apareçam, sob

as carícias de maio, as silenciosas florinhas e os pássaros canoros? – Da morte!... Senhores... destes cadáveres sepultados na noite sinistra dos túmulos!... Lei suprema da Natureza, o corpo material não passa de transitório agregado de partículas que absolutamente não lhe pertencem e que a alma agrupou, segundo o seu próprio tipo, a fim de criar para si órgãos que a ponham em relação com o nosso mundo físico. E, enquanto o nosso corpo assim se renova, peça por peça, mediante a perpétua troca das matérias; enquanto que um dia ele cai, massa inerte, para não mais se reerguer, o nosso espírito, ser pessoal, conservou constantemente a sua indestrutível identidade, reinou soberanamente sobre a matéria de que se revestira, estabelecendo, por meio desse fato perene e universal, a sua personalidade independente, sua essência espiritual não sujeita ao império do espaço e do tempo, sua grandeza individual, sua imortalidade.

Em que consiste o mistério da vida? Por que laços a alma se prende ao organismo? Por efeito de que desatamento se lhe escapa? Sob que forma e em que condições existe ela após a morte? Que lembrança, que afeições conserva? Como se manifesta? – Eis aí, meus Senhores, problemas que longe se acham de estar resolvidos e que, em seu conjunto, constituirão a ciência psicológica do futuro. Certos homens podem negar a existência mesma da alma, como a de Deus; podem afirmar que não existe a verdade moral, que não há na Natureza leis inteligentes e que nós, espiritualistas, somos vi-

timas de imensa ilusão. Podem outros, contrariamente, declarar que conhecem, por especial privilégio, a essência da alma humana, a forma do Ser supremo, o estado da vida futura e tratar-nos de ateus, porque a nossa razão se nega a adotar a fé que eles alardeiam.

Uns e outros, Senhores, não impedirão que estejamos aqui em presença dos maiores problemas, que nos interessemos por estas coisas (que de modo nenhum nos são estranhas) e que tenhamos o direito de aplicar o método experimental da ciência contemporânea à pesquisa da verdade.

Pelo estudo positivo dos efeitos é que se remonta à apreciação das causas. Na ordem dos estudos que se grupam sob a denominação de “Espiritismo”, os fatos existem; mas, ninguém lhes conhece o modo de produção. Eles existem tanto quanto os fenômenos elétricos, luminosos, calóricos; porém, Senhores, nós não conhecemos nem a Biologia, nem a Fisiologia. Que é o corpo humano? que é o cérebro? qual a ação absoluta da alma? Ignoramo-lo. Igualmente ignoramos a essência da eletricidade, a essência da luz. Prudente é, pois, que observemos sem parcialidade todos esses fatos e tentemos determinar-lhes as causas, que talvez sejam de espécies diversas e mais numerosas do que o tenhamos suposto até agora.

Que os que têm a vista restringida pelo orgulho ou pelo preconceito não compreendam absolutamente os anseios de nossas mentes ávidas de conhecer e lancem sobre este gênero de estudos seus sarcasmos ou anátemas, pouco importa. Colocamos mais alto as nossas contemplações!... Foste o primeiro, oh! mestre e amigo! foste o primeiro a dar, desde o princípio

***Encontrar-nos-emos num mundo melhor e no céu imenso onde usaremos das nossas mais preciosas faculdades***

da minha carreira astronômica, testemunho de viva simpatia às minhas deduções relativas à existência das humanidades celestes, pois, tomando do livro sobre a Pluralidade dos mundos habitados, o puseste imediatamente na base do edifício doutrinário com que sonhavas. Muito amiúde conversávamos sobre essa vida celeste tão

misteriosa; agora, oh! alma, sabes, por visão direta, em que consiste a vida espiritual a que voltaremos e que esquecemos durante a existência na Terra.

Voltaste a esse mundo donde viemos e colhes o fruto de teus estudos terrestres. Aos nossos pés dorme o teu envoltório, extinguiu-se o teu cérebro, fecharam-se-te os olhos para não mais se abrirem, não mais ouvida será a tua palavra... Sabemos que todos havemos de mergulhar nesse mesmo último sono, de volver a essa mesma inércia, a esse mesmo pó. Mas, não é nesse envoltório que pomos a nossa glória e a nossa esperança. Tomba o corpo, a alma permanece e retorna ao Espaço. Encontrar-nos-emos num mundo melhor e no céu imenso onde usaremos das nossas mais preciosas faculdades, onde continuaremos os estudos para cujo desenvolvimento a Terra é teatro por demais acanhado.

É-nos mais grato saber esta verdade, do que acreditar que jazes todo inteiro nesse cadáver e que tua alma se haja aniquilado com a cessação do funcionamento de um órgão. A imortalidade é a luz da vida, como este refulgente Sol é a luz da Natureza.

Até à vista, meu caro Allan Kardec, até à vista! ♦

(1) Na Revue Spirite, maio-1869, p. 139, está própria (propre). Nota da Editora (FEB) à 14ª edição, em 1975.

(2) A nossa retina é insensível a esses raios; mas, há substâncias que os vêem, como, por exemplo, o iodo e os sais de prata. Fotografado o espectro solar químico, que o nosso olhar não percebe, nenhuma imagem visível jamais apresenta a chapa fotográfica ao sair da câmara escura, se bem exista nela uma, pois que certa operação química a faz aparecer.

**Fonte:**

KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. Págs. 21 - 30. Feb. 1985.

# Por que se escreve os *sem-terra*

por Eduardo Martins



Você deve ter reparado que os jornais e revistas brasileiros, na quase totalidade, não flexionam a palavra composta **sem-terra** no plural. Mas não deveria ser os **sem-terras**? Quando os órgãos de imprensa adotam a forma **sem-terra** para o singular e o plural, fazem-no de maneira consciente e não por desconhecimento das regras gramaticais.

A maioria dos jornais e revistas hoje tem consultores especializados em língua portuguesa. Além disso, vale notar que livros e dicionários editados nesta década consagram a forma os **sem-terra**. Por isso, se existem opiniões favoráveis ao plural **sem-terras**, há também, talvez em muito maior número, autoridades lingüísticas para as quais o termo é invariável.

Os professores Pasquale Cipro Neto e Odilon Soares Leme, por exemplo, vêem no caso de uma locução unida por preposição na

qual falta o primeiro elemento. Assim, quando se diz os **sem-terra**, está subentendida a idéia de **trabalhadores sem-terra**. E, em toda locução ou palavra composta unida por preposição, só o primeiro elemento varia: *pés-de-moleque, mulas-sem-cabeça, caras-de-pau*, etc.

Há, porém, outro forte argumento para que **sem-terra** tenha a mesma forma no singular e no plural. O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras, e alguns dos principais dicionários do idioma registram uma série de palavras semelhantes como invariáveis no plural. Entre elas, apontam **sem-pátria, sem-trabalho, sem-lar, sem-família** e **sem-ventura**. Qual a diferença, então, entre **sem-pátria, sem-família, sem-trabalho, sem-lar**, etc., e **sem-terra**? No caso, nenhuma. Trata-se da mesma estrutura vocabular.

O **sem-trabalho** é um indivíduo que não tem ocupação, da mesma

forma que o **sem-pátria** é um indivíduo que não tem pátria e o **sem-lar** é um indivíduo que não tem lar. Neste último caso, o do **sem-lar**, a semelhança é absoluta com o **sem-terra**, indivíduo que não tem terra, genericamente, e não que não tem uma terra específica. Pelo mesmo raciocínio, ficam invariáveis **sem-casa** e **sem-teto**. Assim: *os sem-trabalho, os sem-lar, os sem-casa, os sem-teto, os sem-terra*.

O professor Antônio Soares Amora registra **sem-terra** no seu *Minidicionário* como palavra invariável. O mesmo faz o gramático Domingos Paschoal Cegalla no *Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa*. Outras obras em que a forma **sem-terra** não é flexionada no plural são *1.001 Dúvidas de Português*, de José de Nicola e Ernani Terra, e *Dicionário de Erros Correntes da língua Portuguesa*, de João Bosco Medeiros e Adilson Gobbes.

## Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 79. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.

# *Não basta ver*

*“E logo viu, e o foi seguindo, glorificando a Deus.  
E todo o povo, vendo isto, dava louvores a Deus”  
(Lucas, 18:43.)*

A atitude do cego de Jericó representa padrão elevado a todo discípulo sincero do Evangelho.

O enfermo de boa vontade procura primeiramente o Mestre, diante da multidão. Em seguida à cura, acompanha Jesus, glorificando a Deus. E todo o povo, observando o benefício, a gratidão e a fidelidade reunidos, volta-se para a confiança no Divino Poder.

A maioria dos necessitados, porém, assume posição muito diversa. Quase todos os doentes reclamam a atuação do Cristo, exigindo que a dádiva desça aos caprichos perniciosos que lhes são peculiares, sem qualquer esforço pela elevação de si mesmos à bênção do Mestre.

Raros procuram o Cristo à luz meridiana; e, de quantos lhe recebem os dons, raríssimos são os que lhe seguem os passos do mundo. Daí procede a ausência da legítima glorifica-

ção a Deus e a cura incompleta da cegueira que os obscurecia, antes do primeiro contacto com a fé.

Em razão disso, a Terra está repleta dos que crêem e descreem, estudam e não aprendem, esperam e desesperam, ensinam e não sabem, confiam e duvidam.

Aquele que recebe dádivas pode ser somente beneficiário.

O que, porém, recebe o favor e agradece-o, vendo a luz e seguindo-a, será redimido.

É obvio que o mundo inteiro reclama visão com o Cristo, mas não basta ver simplesmente; os que se circunscrevem ao ato de enxergar podem ser bons narradores, excelentes estatísticos, entretanto, para ver e glorificar o Senhor é indispensável marchar nas pegadas do Cristo, escalando, com Ele, a montanha do trabalho e do testemunho.

**Emmanuel - Chico Xavier**  
*Vinha de Luz*



Centro de Estudos Espíritas  
"Nosso Lar"



R. Prof. Luís Silvério, 120  
Vi. Marieta - Campinas/SP  
(19) 3032-0256



O Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar" convida você e sua família para estudar o Espiritismo.

Venha conhecer a Filosofia, a Ciência e a Religião Espíritas.

- Uma aula por semana
- Aulas apostiladas e dinâmicas
- Exibição de filmes (em telão) alusivos aos temas

- Auditório com ar condicionado, som e imagem digitais
- Estacionamento e segurança no local
- Material didático (opcional)
- Aulas em datashow

## CURSOS GRATUITOS

### ATIVIDADES PARA 2008

Cursos	Dias	Horários	Início	
<b>1º Ano:</b> Curso de Iniciação ao Espiritismo com aulas e projeção de filmes (em telão) alusivos aos temas. Duração 1 ano com uma aula por semana.	2ª Feira	20h00 - 21h30	11/02/2008	<b>Aberto ao Público:</b> Necessário Inscrição: 3032-0256 / 3386-9019 3233-5596
<b>1º Ano:</b> Curso de Iniciação ao Espiritismo com aulas e projeção de filmes (em telão) alusivos aos temas. Duração 1 ano com uma aula por semana.	sábado	14h00 - 15h00	16/02/2008	<b>Aberto ao Público:</b> Necessário Inscrição: 3032-0256 / 3386-9019 3233-5596
<b>2º Ano</b>	3ª Feira	20h00 - 22h00	12/02/2008	Restrito
<b>2º Ano</b>	Sábado	16h00 - 18h00	16/02/2008	Restrito
<b>3º Ano</b>	4ª Feira	20h00 - 22h00	13/02/2008	Restrito
<b>3º Ano</b>	Domingo	9h00 - 11h00	17/02/2008	Restrito
<b>Parábolas Evangélicas:</b> Estudo das Parábolas de Jesus à luz do Espiritismo. Duração: 1 ano com uma aula por semana.	5ª Feira	20h00 - 21h00	06/03/2008	<b>Aberto ao público.</b> Não é necessário fazer inscrição. Basta comparecer na data.
<b>Estudos Bíblicos:</b> Estudo da Bíblia à luz do Espiritismo com aulas e projeção (em telão) de filmes alusivos aos temas. Duração: 1 ano com uma aula por semana.	sábado	20h00 - 21h00	07/03/2008	<b>Aberto ao público.</b> Não é necessário fazer inscrição. Basta comparecer na data.
<b>Atendimento ao público</b>				
Assistência Espiritual: Passes	2ª Feira	20h00 - 20h40	ininterrupto	Aberto ao Público
Assistência Espiritual: Passes	4ª Feira	14h00 - 14h40	ininterrupto	Aberto ao Público
Assistência Espiritual: Passes	5ª Feira	20h00 - 20h40	ininterrupto	Aberto ao Público
Assistência Espiritual: Passes	Domingo	09h00 - 09h40	ininterrupto	Aberto ao Público
<b>Evangelização da Infância:</b> De 3 a 14 anos	Domingo	10h00 - 11h00	Fev / Nov	Aberto ao Público
<b>Mocidade Espírita:</b> De 15 a 23 anos	Domingo	10h00 - 11h00	ininterrupto	Aberto ao Público
Palestras	Domingo	10h00 - 11h00	ininterrupto	Aberto ao Público